

SOCIALIZAÇÃO COMO ALIENAÇÃO: Como as instituições (de) formam os sujeitos

SOCIALIZATION AS ALIENATION: How institutions (de) form subjects

Vinícius Silva Bonfim¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o discurso clínico como forma de justificativa da construção da identidade, da subjetividade, a partir da análise de Lacan a respeito da socialização. Para tanto, recorre-se ao conceito de Estádio do Espelho para entender as formas de representação do sujeito e, também, diagnosticar a colonialidade do poder nas estruturas subalternizantes das alteridades pela cultura hegemônica europeia. Portanto, a metodologia a ser utilizada será de revisão bibliográfica de livros e artigos que mapeiam a ideologia colonial e proporcionam insurreições populares e democráticas a partir do sul global para processos de libertação e conquista de direitos.

Palavras Chaves: Espelho; Socialização; Democracia; Colonialidade.

ABSTRACT

This article aims to analyze clinical discourse as a way of justifying the construction of identity, subjectivity, based on Lacan's analysis of socialization. For this purpose, the concept of Estádio do Espelho is used to understand the forms of representation of the subject and, also, to diagnose the coloniality of power in the subordinate structures of alterities by European hegemonic culture. Therefore, the methodology to be used will be a bibliographic review of books and articles that map the colonial ideology and provide popular and democratic uprisings from the global south for processes of liberation and conquest of rights.

Keywords: Mirror; Socialization; Democracy; Coloniality.

¹ Doutor e mestre em Teoria do Direito pela PUC-Minas. Professor na Faculdade Arquidiocesana de Curvelo; leciona Teoria do Estado e Ciência política; Direito Constitucional I,II e III. Professor da PUC-Minas na Pós Graduação em Ciências Criminais, leciona Hermenêutica Jurídica e Professor na Pós-Graduação da PUC-Minas de Direito Ambiental e Minerário, leciona a disciplina Teoria Geral do Direito Público. E-mail: bonfimbh@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Neste breve ensaio recorre-se à teoria lacaniana como forma de compreensão da função do Eu² a partir da concepção de *Estádio do Espelho* para repensar o processo de colonialidade subalternizante.

Como objeto de análise serão estudados alguns recursos, ou dispositivos de alienação e subalternização que a colonialidade recorre para perpetuar os processos de violência que, na América Latina, ainda se encontram em evidência (QUIJANO, 2014).

A modernidade se inicia na América Latina em 1492 com a invasão do território pelos portugueses e pelos espanhóis (MAGALHÃES, 2008). As culturas tradicionais que habitavam a América Latina anteriormente à invasão, possuíam desenvolvimento cognitivo, cultural, político, religioso e ordenamentos jurídicos próprios, cada qual com uma racionalidade específica, uma história própria. Ainda na atualidade há um completo desconhecimento dos saberes tradicionais de culturas diversas da tradicionalmente constituídas na cultura moderna, por serem consideradas subalternas às coloniais.

Os estereótipos são exemplares dispositivos da ética utilitária que visa reduzir a complexidade para alcançar um espectro maior nas suas decisões. Ele, o utilitarismo, sempre trabalha na lógica de custo benefício, no aumento de saldo líquido da felicidade de uns em detrimento de outros.

A homogeneização das culturas é um movimento degradante e, em especial, violento, típico do colonialismo capitalista, de branqueamento e heteronormativo. Os sujeitos são tratados como instrumento de um movimento estratégico e que define que alguns modelos de vida, família e sociedade, devam ser espelhos fundamentais para a construção de uma sociedade dita democrática. No fundo, uma contradição performática, mas ainda que evidente para os críticos, possui forte poder teleológico. Isso significa que racionalidades instrumentais estão a frente de outras racionalidades que possibilitam as dignidades humanas serem tratadas com um mesmo nível de respeito e consideração.

É por esse trajeto clínico e crítico, tanto da hermenêutica decolonial, quanto de uma psicanálise compromissada com as liberdades básicas caminha. Na justificativa de aplicação da

² Cabe salientar que o Eu, com maiúscula, serve para exprimir a distinção específica que Lacan sustenta entre o Eu (je), sujeito do inconsciente, e o eu (moi), com minúscula, que se dirige aos outros pronomes pessoais franceses como eu e supereu.

linguagem no campo da ação, dos jogos de adjetivos morais que acabam por condicionar lugares pré-selecionados na sociedade moderna.

Para suporte analítico, utiliza-se a tese de Lacan sobre o Estádio do Espelho, como se pode verificar a seguir.

2. DESENVOLVIMENTO

O termo estágio é usado pela biologia para indicar uma “fase do desenvolvimento infantil marcada por processos desencadeados a partir da internalização da imagem especular de si” (SAFATLE, 2007, p. 26). Lacan opera com a tendência psicanalítica em compreender socialização e formação da individualidade a partir de processos de identificação do sujeito. Ou seja, o que ele busca demonstrar é que o sujeito, enquanto ser inserido na sociedade, atua a partir de tipos ideais - *modelos* - de orientação para desejar, agir, julgar, construir seu mundo. É o que Lacan chama de o Outro (lê-se “grande outro”). Pode-se dizer que a socialização é o processo de formação da subjetividade que é pautada por modelos de orientação reconhecidos e encarnados pelos sujeitos.

O conceito de justiça, de sucesso e de felicidade é fruto do processo colonial de subalternização, uma naturalização dos desejos que são criados pelos meios de produção capitalista e que encontram na modernidade, um campo perfeito de desenvolvimento. A formação dos signos e dos significados pela indústria da cultura permite a estruturação da realidade contemporânea para além do direito, mas, sobretudo, no campo do desejo e do inconsciente. O direito é somente uma exímia ferramenta para que os objetivos de grupos econômicos alcancem de maneira legal seu objetivo. Para Lacan:

O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer. E eu disse- é do lado desse vivo, chamando à subjetividade, que se manifesta essencialmente a pulsão (LACAN, 1998, p. 193).

O Outro é o conjunto de significantes - quaisquer que sejam - que se estruturam como linguagem no sujeito. O sujeito não pode determinar a estrutura, pois, caso o fizesse, teria aí, nesta determinação, a atuação do próprio Outro. Nesse sentido a ideia de Estado de Direito e de

justiça moderna, sob o olhar institucional aqui dizendo, é também uma criação especular com forte cunho alienante. Veja Safatle nesse sentido:

Aqui já podemos compreender a diferença lacaniana crucial entre “outro” e “Outro”. Os outros são fundamentalmente outros empíricos, que vejo diante de mim em todo o processo de interação social. Já o “Outro” é o sistema estrutural de leis que organizam previamente a maneira como o “outro” pode aparecer para mim. O primeiro diz respeito aos fenômenos, o segundo, à estrutura. Como vemos, o primeiro está submetido ao segundo, o que nos explica como o outro pode se articular a uma estrutura global do meio social. O Outro pode, no entanto, ser representando por uma figura empírica que, por sua vez, representa a lei. Daí porque Lacan falará, por exemplo, do Outro paterno, do Outro materno etc. (2007, p. 44)

Em resumo, o Outro é a estrutura linguística formadora de símbolos e imagens. Os outros são os outros sujeitos que são determinados pelas estruturas que os circundam. O Outro atua em uma via de mão única, numa *relação de revelia*, em que as estruturas influenciam os sujeitos. Esses modelos – estruturas - podem vir dos pais, dos irmãos, da família em geral, ou de qualquer outra figura que represente uma imagem e símbolo linguístico estruturado no sujeito (de direito), por exemplo, o Estado de Direito.³

Em Lacan, a mãe na vida do sujeito é fonte primeira de alienação, o primeiro representante do Outro. Não que seja única na formação da identidade da criança, pois tem que considerar toda a estrutura histórica da família, da relação da criança com o meio e vice-versa. Este processo de orientação da identidade em que o sujeito procura as identificações para se moldar, demonstra que a alienação está presente a todo instante em sua formação. O sujeito se aliena para se identificar.

Pensando a partir das provocações deste ensaio, a identidade brasileira, construída sob a matriz colonial, adota o modelo de nação exatamente para homogeneizar, simplificar e trabalhar com categorias que reduzem qualquer complexidade. O Outro aqui, então, é o elemento eminentemente tradicional e alienante do Estado Moderno Europeu.

³ No caso da mãe, em especial, é importante que se dê observância prioritária à sua análise na concussão de qual sua relevância no campo da estrutura imagética ou simbólica da criança. No caso deste ensaio, em que se reflete a respeito das colonizações e alienações, a ideia de Pátria, nação, representada pelo Estado de Direito brasileiro, reproduz toda a colonialidade subalternizante a partir das estruturas institucionais de dominação masculina e linguísticas, haja vista o hino nacional que corrobora bastante para afastar dos analfabetos e iletrados do acesso ao sentimento de pertencimento a uma nação positivista e nacionalista, ou ainda, toda o histórico de exclusão das mulheres da política e de acesso a direitos. Apesar de não ser objeto principal da análise, a questão de gênero e as instituições, pode-se refletir que a dominação masculina alcança maior força no cenário simbólico exatamente pela ausência da figura da mãe, da Mãria Amada, institucionalmente falando, já que o ressentimento de não pertencimento é suprido pelo papel institucional do pai, do pater, do paternalismo, conforme salienta muito bem Ingeborg Maus no seu texto sobre o papel de Superego das Cortes Constitucionais nas sociedades órfãs (2000).

Lacan entende que se “a psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir do entendimento de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1981, p. 194). Daí a importância de se estudar a linguagem como cognição, conhecimento, como movimento próprio que determina a dinâmica da vida, mas, sobretudo, como elemento técnico também de dominação colonial.

No entendimento de Lacan, a essência está *fora de si*, fora do sujeito, pois ele é moldado pela alteridade que lhe fornece um modo de pensar e de agir. “Daí por que uma das temáticas clássicas da teoria freudiana é a de que toda socialização é alienação, processo fundamentalmente repressivo por exigir a conformação a padrões gerais de conduta” (SAFATLE, 2007, p 18). Veja passagem em que Lacan afirma:

Aqui os processos devem, certamente, ser articulados como circulares entre o sujeito e o Outro – do sujeito chamado ao Outro, ao sujeito pelo que ele viu a si mesmo aparecer no campo do outro, do Outro que lá retorna. Este processo é circular, mas por sua natureza, sem reciprocidade. Por ser circular, é assimétrico. (LACAN, 1998, p. 196)

Os processos de alienação referidos por Lacan são representados pela busca incessante de identidade pelo sujeito. Essa representação consiste na busca da identidade no campo do outro, em seus semelhantes, na busca por significantes elaborados em um sistema autopoietico do sujeito.⁴ Ou seja, o sujeito cria uma imagem de sua identidade para se confortar das pressões do real e se aliena de criações próprias que são resultados de construções dos desejos, busca de identidade *fora de si*.

O sistema se operacionaliza em busca de harmonia, de adaptação, portanto, no capitalismo, a formatação para as demandas do mercado, criadas pelo próprio mercado, são uma das principais causas para que as crianças sejam tratadas como executivos mirins, adultos em miniatura.

Safatle recorre a Lacan para melhor explanação:

[...] se o Eu é o resultado de um processo social de identificação, então, só posso falar em alienação de si se aceitar a existência de algo, no interior do si mesmo, que não é um Eu, mas certa essência recalçada pelo advento do Eu. Digamos que é nesse Si *mesmo*, estranho ao Eu, um Si *mesmo* que Lacan chama de “sujeito”, que encontraremos o

⁴ O termo autopoieses foi criado por Varela e Maturana. “Etimologicamente a palavra deriva do grego *autós* (“por si próprio”) e *poiesis* (“criação”, “produção”). Significa inicialmente que o respectivo sistema é constituído pelos próprios componentes que ele constrói. Definem-se então os sistemas vivos com máquinas autopoieticas: uma rede de processos de produção transformação e destruição de componentes que, através de suas interações e transformações, regeneram e realizam continuamente nessa mesma rede de processos, constituindo-a como unidade concreta no espaço em que se encontram, ao especificarem-lhe o domínio topológico de realização. (NEVES, 2008).

desejo. A esse respeito, Lacan chega a criar uma dualidade entre *moi* (o Eu produzido pela imagem do corpo) e *Je* (o sujeito do desejo), isto para falar da “discordância primordial do Eu [moi] e o ser [do sujeito]”. (SAFATLE, 2007, p. 32-33)

A teoria que foi formulada por Lacan, denominada de estágio do espelho, teve como objetivo demonstrar a apropriação da imagem da mãe e da realidade em sua volta construída pela criança. O estágio do espelho ocorre na idade da criança dos seis aos dezoito meses de idade, inicialmente com a figura da mãe, mas posteriormente, substituído por outras ideias, mas na vida adulta instituições públicas podem representar esse lugar de transferência e espelho.

O espelho mais refletido na modernidade, na idade adulta, e que contribui muito para o mapa da ideologia, é o do capitalismo, das demandas de mercado. Essa demanda encontra no Estado de direito a sua principal instituição representativa, um grande falo simbólico do poder político, econômico e jurídico.

A mímica ocorrida no Estádio do Espelho é a demonstração de que a criança, no reconhecimento de sua imagem, aponta atos de inteligência assinalados por uma série de gestos assumidos pelas representações refletidas de seu meio ambiente.

O autor parte da análise de aspectos comportamentais da psicologia comparada para demonstrar que, o filho de um homem, por um curto espaço de tempo, é superado pela inteligência instrumental do Chimpanzé (LACAN, 1996). Ele se inspirou na mímica de *Aha-Erlebnis* - investigação das reações de reconhecimento do chimpanzé de sua imagem no espelho, fruto de pesquisa realizada por Köhler.⁵

A partir dos estudos de Baldwin,⁶ Lacan aponta que uma criança a partir de seis meses de idade, diante de um espelho, sem ter controle de seu corpo - do caminhar ou da conduta ereta -

⁵ Köhler foi um dos principais teóricos da Psicologia de *Gestalte* que sofreu fortes influências da fenomenologia. “Trabalhando com chimpanzés, usei método um pouco diferente. O antropóide estava preso em uma jaula gradeada, observando-me. Fora do alcance dos seus braços, cavei um buraco, coloquei algumas frutas e cobri tudo -- buraco e arredores -- com areia. O chimpanzé não conseguia alcançar o alimento desejado, porque o buraco havia sido cavado bem longe de sua jaula. Assim que me aproximei das grades, ele me agarrou o braço e tentou empurrá-lo em direção ao alimento escondido, reação que adotava sempre que não conseguia alcançar, por seus próprios meios, o objetivo desejado. É claro que esse comportamento já era uma reação retardada. Todavia, como eu desejava um retardamento ainda maior, não lhe fiz o favor pedido. Vendo que suas súplicas não eram atendidas, o chimpanzé largou o meu braço e começou a brincar em sua jaula, aparentemente desatento com o lugar onde a comida fora enterrada. Quarenta e cinco minutos depois, joguei uma vara dentro da jaula, no lado oposto ao do buraco que continha as desejadas frutas. Acostumado que estava a usar varas como instrumentos, o antropóide imediatamente se apossou dela, dirigiu-se para as barras próximas do buraco, e começou a escavar a areia no ponto exato onde estavam enterradas as frutas. Consegui desenterrá-la e puxá-las para si. Esse experimento foi repetido muitas vezes -- com as frutas enterradas em diferentes lugares -- sempre com os mesmos resultados positivos” (KÖHLER, 1978. p. 39).

⁶ Pesquisador que observou os principais fenômenos de imitação da primeira infância.

tenta, com a ajuda de um *andador*,⁷ sustentar sua postura numa posição inclinada, fazendo a repetição de um aspecto instantâneo da imagem especular identificada.

Lacan demonstra que há uma representação da criança de uma imagem que é assumida por ela. Ou seja, a criança completa um espaço vazio com a representação de uma série de gestos e movimentos capturados no ambiente ao seu redor e os reproduz.

A criança, então, reduplica estes movimentos e gestos “*com seu próprio corpo e com as pessoas ou mesmo objetos que estejam as suas imediações*” (LACAN, 1996, p. 337). Veja Lacan:

A assunção jubilatória de sua imagem especular, por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filho do homem no estágio de *infans*, parece-nos, pois, manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o Eu se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1996, p. 98).

O Estágio do Espelho lança o sujeito na dialética da identificação com o outro às relações sociais e construções das realidades e do conhecimento. Para Lacan a forma humana não constitui somente o “eu”, mas a construção do “eu”, do outro e da realidade. Neste processo a característica mais marcante é a de ser alienante, indicando, assim, que a loucura é algo intrínseco ao ser humano, especialmente em suas funções essenciais de constituição de uma identidade própria, de vida em sociedade e de produção de conhecimento. Para Sales:

[...] a dimensão social continua a existir como o horizonte da pesquisa psicológica, mas a reflexão sobre o espelho nesse momento abstrai um pouco a necessidade de se referir a ela como causa última. Lacan fala, por exemplo, que o momento em que o “eu” ideal confere ao “eu” a adjetivação de ficção irreduzível ocorre antes de qualquer determinação social e que o fenômeno da captação espacial expresso pelo estágio do espelho é anterior à dialética social que confere ao conhecimento humano sua característica paranoica. (SALES, 2005, 115).

O fato do outro ser um ponto tão primordial na construção psíquica do ser humano é que explica sua condição de só poder ser redescoberto pelo recurso da dimensão cultural e não da dimensão biológica. De acordo com Lacan:

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal, que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o *estádio do espelho* é um drama cujo o impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação [...] e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo *Inmenwelt* [**mundos interior**] para o *Umwelt* [**mundos circundante**] gera a quadratura inesgotável das enumerações do *eu*. (LACAN, 1996, 100, *grifo nosso*).

⁷ Aparelho que se destina a servir de apoio às crianças.

A função do *estádio do espelho* revela como um caso particular do *imago* como estabelecimento da relação do organismo com a sua realidade circundante. Segundo a análise de Lacan, a compreensão inicial da identidade da criança como sujeito envolve um duplo processo de alienação. Primeiramente, a criança adquire um sentimento de identidade mediante o reconhecimento de seu nome dado pelos pais, e, posteriormente, pela linguagem, ou seja, a criança está dependente desta para poder afirmar sua identidade.⁸ A linguagem enquanto regras que importam na organização do seu espaço, vem “de fora”, “são exteriores” em relação à criança, assim como seu próprio nome. Seguindo Sales:

De fato, o autor fala que a atividade da criança diante do espelho revela não apenas um certo “dinamismo libidinal” como também uma “estrutura ontológica do mundo humano”, uma “matriz simbólica” constitutiva do “eu”, e define o “eu” ideal como uma “forma”, espécie de estrutura a servir de crivo para a vida psíquica posterior do sujeito. (SALES 2005, p. 115).

Veja que o advento da alteridade é que está em jogo. Observe o que Ogilvie disciplina a respeito:

O espelho, isto é, este momento da primeira relação consigo mesmo que é irremediavelmente, e para sempre, uma relação com o outro, só representa uma fase privilegiada na medida em que tem um valor exemplar para toda a sequência de um desenvolvimento; não é um estágio destinado a ser superado, mas uma configuração insuperável (OGILVIE, 1991, p. 112).

A captação social do ser humano está ligada à incompetência orgânica à qual Lacan confere o status de “discordância primordial” – o fato de ser prematuro – o mal-estar e a falta de coordenação motora, que isso acarreta, não permitem ao homem o estabelecimento de relações fisiológicas suficientes com o meio. Tanto é verdade que o gozo da criança se realiza no momento de defecar, de alimentar no seio da mãe, de chorar, de rir etc.

A criança vê seu corpo fragmentado, não possui consciência do seu corpo como um todo. Essa lacuna, criada pela imagem especular, é que o sujeito pretende preencher. O afastamento completo do espelho é irrealizável por ser esta busca locupletativa inerente ao homem. É ela que passa a mediar a relação do homem com o mundo à sua volta. É a função de estabelecer a relação do organismo com sua realidade. Assim, a personalidade é o resultado, fundamentalmente, das dinâmicas de formação da identidade e da socialização na família, instituições e Estado.

⁸ Na contemporaneidade essa alienação da identidade ocorre em especial na primeira definição do sexo, Masculino e Feminino, posteriormente há a escolha do nome da criança. Isso é o reflexo da violência de gênero que se apresenta de forma externa à pessoa.

Esse estudo aponta para uma gênese da compreensão dos modelos de Estado Colonial que, ao perpetuar nas relações humanas e sociais a ideia de direito utilitário, funcional, acaba por docilizar as pessoas com todo seu viés instrumental e teleológico. Assim, as instituições acabam por atender aos interesses utilitários das políticas econômicas para se valerem enquanto legítimos, válidos e legais. Lacan acaba apontando para uma tese do sujeito que, em contrapartida, pode ser vista também como um mapa da formação da alienação ideologizante do mundo global do norte.

O corpo, matéria de rebeldia e de luta, visto por Lacan a partir da Gestalt,⁹ é a forma como o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência, uma grande confusão de sensações e assimilações. Deixar essas imagens do mundo sensível acessíveis a uma leitura contra hegemônica é uma tarefa de insurreição. Veja entendimento de Lacan a respeito:

Em uma exterioridade em que de certo essa forma é mais constitutiva do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela lhe aparece num relevo de estatura que a fixa em uma simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-la. Assim, essa Gestalt, cuja pregnância deve ser considerada como ligada à espécie, embora seu estilo motor seja ainda irreconhecível, simboliza por estes dois aspectos de seu aparecimento, a permanência mental do eu, ao mesmo tempo que prefigura sua destinação alienante; é também prenhe das correspondências que unem o eu à estatua em que o homem se projeta e aos fantasmas que o dominam, autômato, enfim, no qual tende a se rematar, numa relação ambígua, o mundo de sua fabricação (LACAN, 1996, p.98).

Por fim, Lacan afirma que somente a psicanálise reconhece a função antropológica da junção da natureza com a cultura, possibilitando, assim, o corte do nó criado pela servidão imaginária, pela escravidão simbólica e pela imaginação idealizante. Portanto, fazer do meio menos truculento e violento àqueles que historicamente foram vencidos pela opressão, deve ser um papel consciente e que, por mais que necessite quebrar alguns espelhos, deve ser feito o quanto antes, sob o risco de vulnerabilizar ainda mais as minorias com os efeitos da alienação ideologizante.

2.1. As três instâncias possíveis de experiências subjetivas

Para fundamentar sua tese Lacan pensa em três instâncias possíveis de experiências subjetivas, elas são denominadas de: imaginário, simbólico e real.

⁹ Psicologia da forma que afirma não haver excitação sensorial isolada, mas complexos em que o parcial é função do conjunto.

A primeira instância, o Imaginário, pode-se dizer que é a aproximação que o homem cria de “um conjunto de imagens ideais que guiam o desenvolvimento da personalidade do sujeito quanto a sua *relação com seu meio ambiente*” (SAFATLE, 2007, p. 30-31). O imaginário em Lacan é extremamente *narcísico*, ou seja, o homem só encontra imagens que ele mesmo projetou, imagens que partem da própria criação individual. Veja Lacan:

É sempre em volta da sombra errante do seu próprio Eu que se estruturam todos os objetos do seu mundo [assim como sua percepção dos outros indivíduos]. Eles terão um caráter fundamentalmente antropomórfico, digamos mesmo egomórfico (LACAN APUD SAFATLE, 2007, p. 31).

É com Lacan que o conceito de imaginário é elaborado como um registro fundamental da estrutura mental que constitui a ilusão e a identificação. Muitas vezes o imaginário pode também acionar a instância do real, mas seria de toda forma de maneira individual e sozinha, quer dizer, a partir das próprias criações da pessoa. Conforme Lacan: “*Claro, o mundo da imagem existe, mas só nos interessa por sua utilização simbólica, na medida em que é tomado no universo do símbolo e ali cumpre uma função*” (LACAN, 2008, p, 67).

A segunda instância é a do **simbólico**, aquela em que o indivíduo, pelo sistema lingüístico, estrutura o campo da experiência, da vivência, dos significantes.¹⁰ Os significantes são os fatores que influenciam na formação da identidade do sujeito enquanto emissor, corpo falante,¹¹ e receptor de sinais da sociedade [sujeito].¹² O significante é desprovido de sentido, não possui descrição, é sempre a expressão involuntária do sujeito falante ou, resumidamente, pode-se dizer que ele simplesmente **é**. Ele salta de um sujeito para o outro, podendo ser um dentre

¹⁰ Veja a importância da linguagem na teoria de Lacan: “Recordemos, inicialmente, que o aforismo lacaniano nasceu numa época marcada pela influência da lingüística estrutural, então colocada como modelo de uma ciência jovem, que tinha de construir seu objeto próprio, a linguagem. Ora, a Linguagem, correspondia tão bem aos critérios que regem uma estrutura, que se tornou o arquétipo de todas as estruturas. Foi precisamente nessa perspectiva eminentemente formal da lingüística que Lacan elevou o conceito de inconsciente à categoria de uma linguagem, isto é, de uma estrutura cuja unidade era o elemento significante. O inconsciente, portanto, satisfaz as exigências que definem qualquer estrutura” (NAZIO, 1993, p 56).

¹¹ Nos dizeres de Nasio: “corpo falante” significa que o corpo que interessa à psicanálise não é um corpo de carne e osso, mas um corpo tomado como um conjunto de elementos significantes. O corpo falante pode ser, por exemplo, um rosto, na medida em que um rosto se compõe de linhas, expressões e traços diferenciados e ligados entre si. Pois bem, sejamos claros: o adjetivo “falante” não indica que o corpo fale conosco, mas que ele é um significante, ou seja, que comporta significantes que falam entre si.” NASIO, 1993, p. 149.

¹² É o que se pode ver claramente na obra de Lévi Strauss: “O Suplício do Papai Noel”. Obra em que o autor analisa o significado da data comemorativa de final de ano, versando sobre a questão econômica e cultural, principalmente, a influência norte-americana na data. O francês se utiliza da metodologia científica da análise estrutural da antropologia para tecer considerações sobre o papel desse símbolo natalino nas sociedades contemporâneas.

vários outros. Ele não possui endereço certo, ele não se destina. O significante habita no inconsciente do sujeito, causando atos fora do seu alcance. Conforme Safatle:

Como se a verdadeira relação intersubjetiva fosse entre o sujeito e a estrutura, e não entre sujeito e os outros. Daí porque Lacan distinguirá as “relações autenticamente intersubjetivas” (que ocorrem na confrontação entre sujeito e estrutura) e a intersubjetividade imaginária, própria à relação entre o sujeito e o outro (SAFATLE, 2007, p. 44).

Veja o próprio Lacan:

Se quisesse caracterizar o sentido em que me senti apoiado e estimulado pela fala de Claude Lévi-Strauss, diria que foi na ênfase que ele pôs [...] no que chamei de **função do significante**, no sentido que esse termo tem em lingüística, na medida em que esse *significante*, não direi apenas se distingue por suas leis, mas prevalece sobre o significado ao qual ele as impõe (LACAN, 2008, p. 87-88).

Para Lacan, os estudos de Lévi-Strauss são fundamentais para demonstrar todos os lugares onde a estrutura simbólica domina as relações sensíveis. Importa salientar que o estruturalismo, principalmente o herdado de Claude Lévi-Strauss¹³, não visa estudar o homem enquanto intencional da ação e produtor do sentido, pelo contrário, pode-se dizer que o fundamento do estruturalismo consiste em mostrar como o verdadeiro objeto das ciências humanas é a estrutura social e não o sujeito em si.

O estruturalismo coloca o fato social como centro dos estudos de uma teoria da sociedade que é representada por linguagem, aqui entendida também como **símbolos**. De acordo com Lévi-Strauss:

Não pretendemos mostrar como os homens pensam nos mitos [ou através das estruturas, o que, neste contexto dá no mesmo], mas como os mitos se pensam nos homens, e à sua revelia. E, como sugerimos, talvez convenha ir ainda mais longe, abstraindo todo sujeito para considerar que, de certo modo, os mitos se pensam entre si (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 31).

Lévi Strauss aponta como os sujeitos são influenciados em sua personalidade pela estrutura social (significantes), determinando sua concepção de vida, sua linguagem e suas formas de ação.

É através do sistema de significantes que demonstra como a identidade se organiza e serve de armadura a determinadas vertentes simbólicas. Observe Lacan:

¹³ Lévi-Strauss é francês e considerado um dos maiores pensadores do século XX, conhecido por todo o mundo como o fundador da antropologia moderna e do estruturalismo antropológico.

O que nos importa aqui é o sistema de significante na medida em que ele organiza, na medida em que ele é a armadura de tudo isso, determinando vertentes, pontos cardeais, reversões, conversões e o jogo da dívida (LACAN, 2008, p. 92).

Com Safatle:

O que interessa a Lacan é exatamente tal noção de inconsciente como sistema de regras, normas e leis que determinam a forma geral do pensável. Ela estará presente na famosa afirmação: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, o que no fundo pode ser simplesmente traduzido como: o inconsciente é a linguagem (enquanto ordem que organiza previamente o campo de toda experiência possível). (SAFATLE, 2007, p. 44-45).

Para ele o discurso do inconsciente é o discurso do Outro, um discurso falado que o sujeito não tem à sua disposição, o que ocorre ao contrário do discurso consciente. O Inconsciente para Lacan é a linguagem estruturada, é condição de possibilidade de estruturação pelo Outro, é o sistema de significantes que organiza e conduz o sujeito. De acordo com Lemaire: “*A estrutura elementar do inconsciente seria, pois, sustentada por um par de signos lingüísticos, conotando a positividade e a negatividade do cumprimento da pulsão original.*” (LEMAIRE, 1985, p. 172). Veja a autora:

A descoberta freudiana, observa J. Lacan, obriga-nos a reconhecer isto: “eu penso onde não existo pelo pensamento, portanto, sou-o onde não penso”. Mais ainda essa fórmula nos leva a conceber que “sou” mais exatamente ali onde “eu” não “penso”. Os conteúdos do inconsciente formam o coração de nosso ser (LEMAIRE, 1985, p. 17).

Uma vez alienado pela linguagem o sujeito passa a ser dependente dela, ocorrendo assim, a colonização da linguagem no homem. Conforme Zizek:

Para Lacan, el lenguaje es un don tan peligroso para la humanidad como el caballo lo fue para los troyanos: se nos ofrece para que hagamos uso de él sin cargo, pero una vez que lo aceptamos, nos coloniza. El orden simbólico surge a partir de un don, de un regalo, que presenta su contenido como neutral para hacerse pasar por un don: cuando se ofrece un regalo, lo que importa no es su contenido sino la relación que se establece entre el que regala y el que recibe cuando éste acepta el obsequio (ZIZEK, 2008, p. 21).

A terceira instância das experiências subjetivas é o **Real**, difere do campo de condutas guiadas por imagens ordenadoras (Imaginário) e das estruturas que visam garantir e assegurar identidade (Simbólico). O real é um campo de experiências subjetivas que **não** podem ser adequadamente simbolizadas ou colonizadas por imagens fantasmáticas.¹⁴ Veja:

¹⁴ O real aqui é entendido como o campo em que o sujeito lacaniano se dilui, perde toda a consciência de si e passa a agir por pulsões, local onde ele passa a manifestar seus desejos recalçados, não sendo no campo do simbólico nem do imaginário.

O Real **não deve** ser entendido como um horizonte de experiências concretas acessíveis à consciência imediata. O Real não está ligado a um problema de descrição objetiva de estado de coisas [...] Isto nos explica por que o Real é sempre descrito de maneira negativa, como se fosse questão de mostrar que há coisas que só se oferecem ao sujeito na forma de negações (SAFATLE, 2007, p. 74).

O real é acessado, segundo a teoria lacaniana, pelo “gozo”. Lacan defende que a lógica do comportamento humano não pode ser medida pela maximização de prazer e do afastamento do desprazer. É justamente nessa indistinção entre terror e prazer que Lacan entende estar presente o “gozo” (SAFATLE, 2007, p. 75). O real é o ponto onde a razão fica perdida, não atua, procura o sentido e não acha significado. O real é indecifrável. Não possui forma.

Lacan demonstra que a estrutura, enquanto conjunto de significantes não determináveis, pensa por si só, ou seja, fazendo uma analogia ao capitalismo, pode-se dizer que a cada momento que o sujeito procura (pela falta – pela negação) sua identidade nos objetos, alimenta-se cada vez mais a ótica capitalista de que o consumo desenfreado **não pode** ser referência para uma sociedade que se entende emancipada. Da mesma maneira se pode pensar o Estado de Direito, enquanto procuramos no Estado a resolução dos problemas, fomentamos cada vez mais a figura paterna e autoritária que encontra, nessa instituição, monstros cada vez mais perigosos. Em outras palavras, essa forma de reconhecimento dos sujeitos nos objetos ou na pacificação social do Estado, alimenta a estrutura de significantes atribuídas ao capitalismo e o modelo de Estado de direito ainda mais alienantes.

O Real lacaniano é entendido como o conjunto de significantes que é indecifrável e possui uma carga de ideologia alienante. Ideologia entendida aqui como encobrimento da realidade, como falta da realidade, como um véu da consciência. Veja Foucault:

Nas análises marxistas tradicionais, a ideologia é uma espécie de elemento negativo através do qual se traduz o fato de que a relação do sujeito com a verdade ou simplesmente a relação de conhecimento é perturbada, obscurecida, velada pelas condições de existência, por relações sociais ou por formas políticas que se impõem no exterior do sujeito do conhecimento. A ideologia é a marca, o estigma destas condições políticas ou econômicas de existência sobre um sujeito de conhecimento que, de direito, deveria estar aberto à verdade (FOUCAULT, 2002, p. 26).

Isso aponta que o capitalismo, enquanto estrutura, é um conjunto indeterminado de significantes que influencia as experiências sensíveis dos sujeitos. Como os sujeitos se realizam, gozam com os resultados gerados pelos meios de produção, demonstra toda a luta por alcance dos desejos. A busca pela identidade nos objetos é fruto de uma indústria da cultura que menospreza o diferente, o diverso.

A identidade que é obtida nos objetos é diferente da que é buscada nos sujeitos. A procura incessante por identidade nos objetos só fortalece a lógica utilitária, capitalista, que encontra um símbolo de reconhecimento. Mas, lembra-se aqui, a conquista é o túmulo do desejo, então cada vez que se conquista um objeto, passa-se o desejo outro objeto, enlaçado em uma busca infinita por identidade.

A busca por identidade **plena** pelos sujeitos é inatingível. De acordo com Lemaire: “O papel do simbólico é realizar o homem social e culturalmente, normalizar seus instintos sexuais e agressivos. Mas, com isso, tem também o efeito de aliená-lo” (LEMAIRE, 1985, p. 235). O verdadeiro reconhecimento será no âmbito da intersubjetividade, no reconhecimento da igual liberdade entre os sujeitos. Enquanto livres e autônomos forem, menos o grau de alienação tanto do capital quanto do Estado.

Estes são os três momentos das experiências subjetivas apresentados por Lacan e que auxiliam na percepção do papel da colonialidade do poder na modernidade. Zizek contribui apresentando de forma criativa as três instâncias de experiências subjetivas da realidade lacaniana, veja:

El ajedrez puede servir para ilustrar esta tríade. Las reglas que hay que seguir para jugarlo constituyen su dimensión simbólica: desde el punto de vista puramente formal y simbólico, el alfil se define por los movimientos que esta figura puede hacer. Este nivel se diferencia claramente del imaginario, esto es, la forma que tienen las diferentes piezas y los nombres que las caracterizan (rey, reina, alfil). Es fácil imaginarse un juego con las mismas reglas pero con un imaginario diferente, en el que estas figuras se llaman “mensajero”, corredor o algo semejante. Finalmente, lo real es todo el complejo conjunto de circunstancias contingentes que afectan al curso del juego: la inteligencia de los jugadores, las impredecibles intrusiones que puedan desconectar a un jugador o directamente interrumpir el juego. (ZIZEK, 2008, p. pág. 18)¹⁵

¹⁵ Traduzido livremente do original: “O xadrez pode servir para ilustrar esta tríade. As regras que há de seguir para jogá-lo constituem sua dimensão simbólica: desde o ponto de vista puramente formal e simbólico, o bispo, se define pelos movimentos que esta figura pode fazer. Este nível se diferencia claramente do imaginário, isto é, a forma que têm as diferentes peças e os nomes que as caracterizam (rei, rainha, bispo). É fácil imaginar um jogo com as mesmas regras, mas com um imaginário diferente, em que essas figuras se chamam “mensageiro”, “corredor” ou algo semelhante. Finalmente, O real é todo o complexo conjunto de circunstâncias contingentes que afetam o curso do jogo: a inteligência dos jogadores, as imprescindíveis instruções que podem desconectar um jogador ou diretamente interromper o jogo.” (ZIZEK, 2008, p. pág. 18).

3. CONCLUSÃO

Socialização é eminentemente um processo de alienação. A construção da identidade como idealização de uma imagem especular, que é recebida de fora, do meio ambiente, se manifesta socialmente e com valores simbólicos estruturantes.

Na América Latina, com todo o aparato Estatal que representa o símbolo de ordem e progresso, a formação da identidade nacional se dá de maneira violenta, imposta, racista, homofóbica e heteronormativa.

Apesar da socialização ser este processo de alienação, uma adaptação ao meio, no cenário brasileiro, e, sobretudo na contemporaneidade, pode diminuir os processos de violências culturais e de extermínio de culturas tradicionais.

Não só uma imagem especular pode ser importante para a formação da consciência latina, mas, especialmente a necessidade de sobrevivência no meio ambiente homogeneizante, torna a diversidade desse território ainda mais desafiadora e com o papel contra hegemônico de defesa de uma ética da resistência e do cuidado.

O capitalismo, em sua gênese, trabalha com as uniformizações, categorizações limitantes, quer dizer, com organizações de redução de complexidade social para controle, disciplina e punição dos insurretos rebeldes.

Não se tem espaço na massificação cultural para o diferente. Assim, é preciso pensar em maneiras mais eficientes de resistir aos ataques violentos da ética utilitária, sem, contudo, reproduzir os exemplos de violência. A luta pela liberdade é um genuíno processo que a ética da resistência e do cuidado possibilitam entrentar a modernidade alientante.

É preciso criar alternativas à estrutura capitalista, mas o caminho está em um desenvolvimento como liberdade, como capacidade de respeitar e considerar as outras dignidades e projetos de vida alheios. A imagem especular criada sobre uma concepção de sucesso, exclusivamente voltada ao modelo europeu, se estrutura na vitória de prêmios, no alcance de cargos e funções, de mérito apenas.

Toda a estrutura moderna identitária é capitalista, o que leva ao encobrimento do real. A construção da identidade do sujeito numa sociedade que se pretende *livre* deve ser colocada em pauta em todas as discussões que visam o estudo da democracia e do direito.

Como a filosofia não cobre a necessidade de entender o inconsciente, cabe à psicanálise e à psicologia realizar tal papel, a psicanálise descobre, ou melhor, desvenda, todas aquelas ideologias que dominam as relações humanas perversas.

O estágio do espelho é, portanto, um importante referencial para pensar como as instituições, sobretudo as judiciárias, servem como alienadoras e estruturantes das identidades ainda reféns.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **A verdade e as formas jurídicas** / Michel Foucault. (tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novaes...et. AL. J. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

MAUS, Ingeborg. **Judiciário como superego da sociedade**: o papel da atividade jurisprudencial na "sociedade órfã". Trad. Martônio Lima e Paulo Albuquerque. Novos Estudos CEBRAP. n. 58. nov./2000.

KOHLER, Wolfgang. **A inteligência dos antropóides**. Wolfgang Köhler: *Psicologia*. São Paulo: Ática, 1978.

LACAN, Jacques, 1901 – 1981 **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)** / Jacques Lacan; Texto estabelecido por Jacques Alain Miller; tradução de MD Magno. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____, Jacques, 1901-1981. **O mito individual do neurótico, ou, A poesia e verdade na neurose** / Jacques Lacan ; tradução Claudia Berline ; revisão técnica Ram Mantil. – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2008.

_____, Jacques. **O estágio do espelho como formador da função do eu** – in: **Um Mapa da Ideologia** / Theodor W. Adorno ... [et. al.] org. Slavoj Zizek; tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro – Contraponto. 1996.

LEMAIRE, Anika. **Jacques Lacan : uma introdução** / Anika Lemaire ; tradução e revisão técnica de Durval Checchinato, com a colaboração de Oscar Rossin Sobrinho e Sérgio J. de Almeida – 3º Ed. – Rio de Janeiro : Campus, 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. 442p. (Mitológicas ;1).

MAGALHÃES, José Luiz Quadros. Plurinacionalidade e cosmopolitismo: a diversidade cultural das cidades e diversidade comportamental nas metrópoles. **Rev. Fac. Direito UFMG**, Belo Horizonte, n. 53, p. 201-216, jul./dez. 2008.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Colección Razón Política. Ediciones del Signo. Bueno Aires. Argentina. 2010.

NEVES, Marcelo. *Entre Têmis e Leviatã : uma relação difícil : o Estado Democrático de Direitoa partir e além de Luhmann e Habermas* / Tradução do autor – 2º Ed. – São Paulo : Martins Fontes, 2008. (Justiça e direito).

NASIO, Juan-David. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan** / J,-D Nasio; tradução, Vera Riberio. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1993.

OGILVIE, B. *Lacan: a formação do conceito de sujeito* (1932-1949). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.

QUIJANO, Aníbal. **Des/colonialidad y bien vivir: um nuevo debate em America Latina**. Biblioteca Nacional del Perú. Primeira Edición, diciembre del 2014. Anibal Quijano ed.

SALES, Léa Silveira - **Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário** - Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 17 - nº 1, p. 113-127, Jan./Jun. 2005 115. págs.

SAFATLE, Vladimir. *Fusão Articulada* – ciência&vida. Psicanálise e Filosofia. Ano I. nº 6.

SAFATLE, Vladimir. *Lacan* / Vladimir Safatle. – São Paulo : Publicafolha. 2007. – (Folha Explica)

ZIZEK, Slavoj. **Cómo leer a Lacan** – 1ª Ed. Beunos Aires : Paidós, 2008.